

social

ATIVIDADES COMO PINTURA, DESENHO E COLAGEM
SÃO FERRAMENTAS DO ARTETERAPEUTA EM ONCOLOGIA

Arte e autoestima

Enquanto fazia o pré-operatório para se submeter a uma cirurgia plástica, Carmen* foi diagnosticada, em 2007, aos 52 anos, com câncer do colo do útero. Pela precariedade de recursos em seu estado, Rondônia, foi encaminhada pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para tratamento no Hospital do Câncer de Mato Grosso. Separada do marido, que a abandonou após o diagnóstico, viajou sozinha para Cuiabá e, entre sessões de quimioterapia e radioterapia, recebeu da arteterapeuta e psico-oncologista Maria de Fátima Pedreiras o convite para participar das aulas livres de artes criadas e dirigidas por ela naquele ano.

A paciente chegava sempre desacompanhada e ficava isolada num canto, até que um dia passou a participar de atividades como pintura, crochê e

reciclagem de retalhos, vidros e garrafas pet, além de rodas de conversa sobre quimioterapia e do grupo de acolhimento, que contavam com a presença de familiares e acompanhantes.

“Aos poucos, a paciente se tornou mais falante, participativa; descobriu-se com inúmeras habilidades artesanais”, lembra Maria de Fátima. Após receber alta médica, Carmen teria que deixar a arteterapia. Só que ela se recusou a ir embora: argumentava que aquele lugar lhe fazia muito bem, que a deixava forte, feliz, com coragem para enfrentar a doença; sentia-se mais segura. Esse é um resultado frequente da arteterapia. Enquanto os pacientes desempenham as atividades, os especialistas observam o estado de espírito deles.



“Eles extravasam seus medos, angústias e fragilidades; fazem indagações e, à medida que vão conseguindo levar adiante e concluir as tarefas propostas na arteterapia, percebem que também têm força, coragem e capacidade para enfrentar, lutar e vencer o câncer”, observa a arteterapeuta.

Carmen acabou ficando mais seis meses em Mato Grosso, até que com muito diálogo, não só com Maria de Fátima, mas também com os outros profissionais que a acompanhavam – foi convencida de que precisava voltar para Rondônia e dar continuidade ao seu cotidiano. “Ela retornou com a autoestima tão elevada que até casou-se novamente”, revela Maria de Fátima.

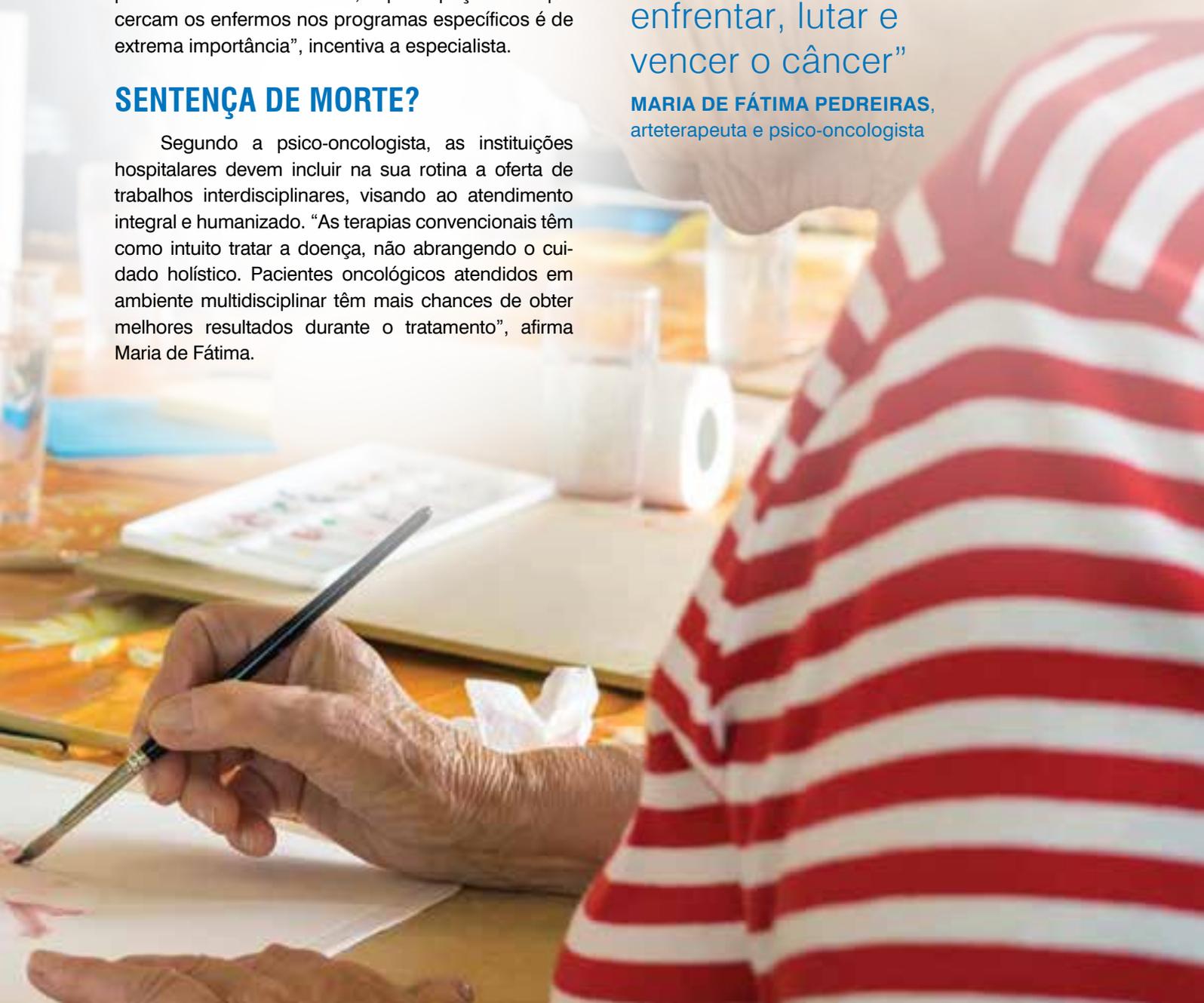
O caso de Carmen ilustra a relevância de programas de arteterapia para pacientes com câncer, seus familiares e acompanhantes. “Muitos não suportam vivenciar a dor de seus entes queridos e acabam por abandoná-los. Por isso, a participação dos que cercam os enfermos nos programas específicos é de extrema importância”, incentiva a especialista.

SENTENÇA DE MORTE?

Segundo a psico-oncologista, as instituições hospitalares devem incluir na sua rotina a oferta de trabalhos interdisciplinares, visando ao atendimento integral e humanizado. “As terapias convencionais têm como intuito tratar a doença, não abrangendo o cuidado holístico. Pacientes oncológicos atendidos em ambiente multidisciplinar têm mais chances de obter melhores resultados durante o tratamento”, afirma Maria de Fátima.

“Eles [pacientes] extravasam seus medos, angústias e fragilidades; fazem indagações e, à medida que vão conseguindo levar adiante e concluir as tarefas propostas na arteterapia, percebem que também têm força, coragem e capacidade para enfrentar, lutar e vencer o câncer”

MARIA DE FÁTIMA PEDREIRAS,
arteterapeuta e psico-oncologista



A especialista salienta que a arteterapia deve estar integrada ao tratamento, e não ser vista como um “passatempo para ocupar a cabeça”. “Quando a pessoa recebe o diagnóstico de câncer, o primeiro e mais frequente pensamento é o medo de morrer. Com o tratamento integral, o paciente se sente mais seguro e o sentimento de confiança se restabelece, assim como a vontade de viver e de cuidar de si. A interação multiprofissional possibilita visualizar a pessoa como um todo nos seus aspectos biopsiossocial e espiritual”, complementa.

Foi uma experiência nesses moldes que a arteterapeuta e artista plástica Larissa Seixas apresentou no Congresso Internacional de Arteterapia, em Ouro Preto (MG), em 2014. Ela vivenciou uma história com uma paciente entre

2004 e 2008, quando atuou como voluntária no espaço Ser e Fazer – um programa de arteterapia para pacientes oncológicos, em sua maioria mulheres com câncer de mama, no Centro Estadual de Oncologia da Bahia (Cican). Larissa entrou em contato com uma paciente mastectomizada que, assim como tantas outras, encontrava-se deprimida, emocionalmente instável, com medo de não se curar, autoestima baixa, autoimagem debilitada e desesperançosa.

“Utilizei com ela a técnica da papietagem, que é a criação de máscaras parecidas com as de papel machê”, conta a profissional. “Porém, o mais significativo são as expressões e cores utilizadas nelas. As primeiras máscaras criadas por essa paciente tinham cores escuras e expressões assustadoras, o que

DIREITO À PROFISSIONALIZAÇÃO

Os arteterapeutas são representados pela União Brasileira de Associações de Arteterapia (Ubaat), com sede no Rio de Janeiro e que, a cada três anos, elege um diretor-presidente. Este ano tomou posse Ligia Diniz. Ela conta que a entidade, num levantamento feito por conta própria, observou que os estados que atualmente mais investem em arteterapia para pacientes oncológicos são Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Para se formar em Arteterapia, é preciso ter o terceiro grau completo e frequentar 560 horas de aula, em especialização ou formação que siga os parâmetros curriculares estabelecidos pela Ubaat. Posteriormente, deve-se obter o registro profissional junto à associação regional ou estadual. Em 2013, o Ministério do Trabalho inseriu a área no Código Brasileiro de Ocupação (CBO), família 2263 – profissionais das terapias criativas.

Lígia revela que a Ubaat propôs projeto de lei para que a arteterapia seja reconhecida como profissão. “Enviamos ao Congresso Nacional proposta neste sentido e, em maio deste ano, vencemos em primeira votação. Ainda faltam duas, e creio que alcançaremos esta vitória até o final de 2018”, comemora.

A outra luta da Ubaat, segundo Ligia, é que, após a profissionalização, os arteterapeutas possam participar de concursos públicos e entrar para o SUS. “Essa é uma luta que já vem desde o ano passado. Queremos que os arteterapeutas tenham direito a assumir cargos públicos”, defende.

Atualmente, a arteterapia insere-se no Sistema Único de Saúde por meio da Portaria nº 849, de março de 2017, em adendo à Portaria nº 145, de janeiro de 2017, integrando o quadro de Práticas Integrativas/Complementares.

A arteterapia auxilia na promoção, reabilitação e recuperação da saúde, bem como na prevenção de agravos, por meio da utilização da arte. Trata-se de um campo de conhecimento transdisciplinar. Sua abordagem terapêutica baseia-se na ideia de que o processo criativo e o fazer artístico propiciam comunicação não verbal de sentimentos e conflitos. Também considera que todos os indivíduos têm capacidade de se expressar criativamente, enfatizando o fazer artístico sem preocupações estéticas. Pode ser empregada com pacientes de todas as idades, individualmente ou em grupo.

As ações de desenhar, pintar, modelar, construir e tantas outras podem potencializar a autonomia, uma vez que envolvem um processo ativo de escolha de materiais, estilos, cores, formas, linhas e texturas.



“O material de trabalho do arteterapeuta são as emoções que surgem no momento em que o paciente se expressa em colagens, desenhos, máscaras ou modelagem, por meio de formas, cores e diálogo. A partir desses instrumentos, as questões vão surgindo em forma de imagens que nos dão pistas do que é preciso para ressignificar crenças e emoções”

LARISSA SEIXAS, arteterapeuta e artista plástica

remetia a uma experiência de tristeza e angústia. Com o tempo, por meio do diálogo, do desabafo e deste trabalho, ela foi ressignificando certas emoções, representando seus conflitos ligados à doença e a questões pessoais.” No final do segundo ano de tratamento, acrescenta Larissa, as máscaras da paciente remetiam a força, alegria, confiança e postura positiva perante os enfrentamentos. A tal ponto que já saiu de lá encaminhada para a reconstrução mamária.

Larissa revela que a arteterapia consegue amplificar a compreensão das emoções dos pacientes, já que os encontros são “lugares de escutar o que cada um está sentindo, de acolhimento, de se conhecer através do que se vê, e a todo momento estar se expressando, trocando experiências e se fortalecendo”. Ela explica que a arteterapia observa e busca compreender a expressão no momento em que o paciente cria qualquer forma de arte, pois está revelando seus conflitos.

“O material de trabalho do arteterapeuta são as emoções que surgem no momento em que o paciente se expressa em colagens, desenhos, máscaras ou modelagem, por meio de formas, cores e diálogo. A partir desses instrumentos, as questões

vão surgindo em forma de imagens que nos dão pistas do que é preciso para ressignificar crenças e emoções e encontrar recursos para a resiliência diante da dor”, detalha a especialista.

O Centro de Oncologia de Campinas (COC) também reconhece a importância da arteterapia como reforço no cuidado do paciente oncológico e seus acompanhantes. É o que afirma a psico-oncologista e arteterapeuta Fabiana Caron, coordenadora do trabalho de arteterapia no COC – que tem filial no Centro do Câncer da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba (CCSCP).

A instituição começou a oferecer arteterapia para os pacientes há pouco mais de um ano. Por enquanto são apenas 16 vagas – poucas, diante dos 100 pacientes atendidos por mês. Elas são preenchidas por ordem de chegada – ou seja, logo que abrem as inscrições, os primeiros interessados conquistam as vagas.

FORTALECENDO A AUTOIMAGEM

“Nos grupos, desenvolvemos recursos artísticos com fins psicoterapêuticos, utilizando materiais como argila e pintura. Depende da demanda do grupo naquele momento. As atividades servem para promover o enfrentamento do processo da doença, bem como para fortalecer a autoimagem e a autoestima”, diz Fabiana.

A especialista acrescenta que o paciente, quando demonstra sintomas negativos que não parecem estar relacionados à doença, é encaminhado para tratamento psicológico individual na própria instituição. Segundo Fabiana, é fundamental a presença de um psicólogo ou psico-oncologista no trabalho de arteterapia, pois podem vir à tona quadros não relacionados ao câncer, e, nessas situações, só um profissional da área pode chegar ao diagnóstico.

Ainda de acordo com a especialista, o estado de espírito dos pacientes ao longo do trabalho – oferecido para cada um por 12 meses é bastante instável. Nos grupos de arteterapia, eles podem expor suas emoções e dores. “Há dias em que os pacientes chegam melhores; em outros, sentem-se mais para baixo. Mas sempre um fortalece o outro, e quanto mais vai chegando próximo ao fim de um ciclo, mais eles demonstram força e capacidade de enfrentamento da doença. A implantação dos grupos de arteterapia para pacientes com câncer no COC foi realmente um benefício”, avalia Fabiana. ■

* Nome fictício